

# A Nossa Percepção

O Universo e todas suas leis físicas, mesmo em suas manifestações cotidianas, está, para quem o observa, como o plano físico (o mundo "real") para uma ilusão de óptica. O segredo para entendê-lo encontra-se na percepção.

JPV

Na verdade não vemos com os olhos, eles apenas transmitem, por intermédio do nervo ótico, impulsos para o córtex visual que se localiza na parte posterior da caixa craniana. Dessa forma, é essa área do cérebro que de fato "vê", ao traduzir os impulsos nervosos e criar um modelo do mundo exterior que é o que identificamos como visão. De fato, todos os estímulos sensoriais são processados em áreas desse órgão, portanto é a ele que devemos atribuir nossa percepção, ele é quem a gera.

Fato curioso é o de sermos condicionados pela sociedade a acreditar que o mundo externo é mais importante que o interno. Digo isso, pois nada sabemos do mundo externo que não seja transmitido e modelado no nosso interior. Dos bilhões de bits de informação que recebemos por segundo, cerca de quatrocentos, apenas 0.0000005% é processado por nosso córtex cerebral. É com esse "imenso" percentual de aproveitamento que montamos o modelo do mundo que denominamos de real. A metáfora da ponta do Iceberg se ajusta perfeitamente a essa situação, tomamos o mundo ou tentamos entendê-lo a partir dessa ínfima parcela de informação. Por esse motivo é razoável intuir que ele não seja o que vemos ou, pelo menos, que seja muito mais do que aquilo que conseguimos perceber. Se uma caixa de fósforos caísse e seu conteúdo se espalhasse pelo chão não perceberíamos de forma consciente quantos foram os palitos que saíram dela, daquilo que vemos muito nos escapa. Por outro lado, há pessoas que possuem pontos cegos em sua visão, seja por acidentes, deslocamento de retina, ou mesmo, por fatores genéticos. Essas pessoas vêem manchas escuras no lugar dos chamados pontos cegos, mas após pouco tempo o córtex cerebral completa a imagem, ou melhor,

constrói uma imagem sobre a falha segundo a segundo de modo que a pessoa não mais a perceba. Esse fabuloso componente de nosso corpo tanto pode completar aquilo que entende, quanto suprimir o que não entende. Imagine que você nunca tivesse visto um lago e, portanto, não soubesse como uma grande massa de matéria em estado líquido se comportaria quando um corpo sólido fosse atirado contra ela. Refiro-me as ondas concêntricas que se espalham tendo como ponto central o local onde o objeto atinge a água. A mente de um observador que não tem conhecimento de experiência similar pode filtrar as tremulações fazendo com que ele continue vendo apenas a superfície calma das águas. Um exemplo histórico foi relatado quando do descobrimento do Brasil, diz-se que os índios que aqui viviam não viram as caravelas de Cabral se aproximando pelas águas, mas apenas sinuosidades diferentes no mar. O motivo disso? O aparato mental dos nativos não dispunha de algo equivalente como parâmetro para comparação e descreveu para os índios as caravelas - algo cuja imagem era desconhecida e para qual nunca havia sido visto antes objeto análogo - como estranhas ondulações. Para corroborar essa narrativa pouco ortodoxa, diz-se também que o mesmo ocorreu quando os índios americanos nas ilhas caribenhas foram expostos as naus de Colombo. Por não serem similares a nada que tivessem visto antes, eles simplesmente nada conseguiam ver, faltava-lhes a experiência da existência daquelas máquinas que viajavam sob as águas. Uma vez mais apenas ondulações no Oceano eram vistas. Nesse caso específico, conta-se que um xamã, mesmo não vendo os navios, olhava repetida e diariamente para o local das referidas flutuações buscando uma causa para o fenômeno. Um dia ele conseguiu ampliar sua consciência e abrir sua mente para a existência de algo diferente e, então, percebeu os navios. Sendo um membro respeitado da tribo alertou-a sobre o fato até que todos passassem também a conseguir perceber os objetos no horizonte. Esse é um tipo de mecanismo de defesa utilizado quando o cérebro, que é um construto extremamente frágil, não consegue lidar com aquilo que "vê". Experiências similares são observadas em pacientes com traumas psicológicos, que simplesmente não recordam de situações traumáticas pelas quais foram submetidos e que o encéfalo não pode assimilar, um estupro, uma morte, um acidente ou qualquer fato que esteja além da sua habilidade de processar. Esse bloqueio psicológico, ou mecanismo de defesa, tem o objetivo de evitar que todo o sistema

nervoso entre em colapso e seja desativado. Nossos computadores possuem formas análogas de salvaguardas para impedir que, tanto hardware, quanto software sofram panes quando expostos a eventos incomuns. Em apertada síntese, o que o cérebro não conseguir processar, você não conseguirá ver, ou, em termos sensorialmente mais abrangentes, não conseguirá experimentar.

Todos esses exemplos demonstram que a nossa percepção é filtrada, que tudo que assumimos como realidade é uma representação criada por nossa unidade de processamento central. De forma poética podemos dizer que esse órgão é a verdadeira retina dos olhos da mente consciente.

O próprio tempo nada mais é do que uma forma de percepção da consciência. Pela teoria quântica o tempo, ou até, o espaço-tempo não se trata de uma dimensão na qual só possamos percorrer em um único sentido, voltar no tempo não é só possível, mas uma certeza quântica em um espaço-tempo quantizado. Nós existimos simultaneamente em todos instantes "t" que concebemos e efetivamente interferimos na realidade ao observá-la. Heisenberg ao descrever o princípio da incerteza estabeleceu com propriedade que o observador faz parte da equação e, portanto, está apto a modificá-la, ou seja, que é capaz de alterar a própria realidade. Segundo ele propõe, essa interferência nos resultados obtidos é, inclusive, inevitável.

Entretanto, como o que chamamos de mundo real é composto por apenas uma pequena parcela da informação captada por nossos sentidos, somos como peixes em um aquário não transparente. O que pensamos é potencialmente mais real do que o que acreditamos existir no exterior, do qual não somos capazes de receber praticamente qualquer informação. Vivemos em uma tela em branco, um mundo que pode ser construído por ideias, mas nossas rotinas diárias, nossas atividades repetitivas e, muitas vezes, de pouca significação, embora nos acalmem por afastar as incertezas e a laboriosa tarefa de ter que construir uma nova realidade a cada segundo, também nos impedem de expandir e atingir todo o nosso potencial.

Todo o conjunto de valores que estabelece a nossa identidade, que compõe nossa própria idiossincrasia, não precisa ser regido por axiomas. Nossas crenças são limitantes, traçam as fronteiras do mundo que podemos criar. Nossa consciência só se expande até onde acreditarmos que ela possa ir e, embora nossa espécie se conforme com limites, por eles frequentemente se

traduzirem em objetivos atingíveis, em sensações de realização, isso nos impede de perceber que a realidade é cambiante, que o Universo muda a cada pensamento, a cada instante.

Afastando-nos um pouco da metafísica e retornando ao tema principal, que é a Física Quântica, cada decisão cria um novo Universo, cada qual, com infinitas possibilidades. Percebemos isso ou não, tais fronteiras existem apenas em nossas mentes. Em um mundo visto por essa perspectiva simplesmente não existem limites.

As fronteiras que criamos são relativas. Mesmo considerando os fatores que podem demarcar nossa consciência, como imaginar uma forma para o Universo, podemos vislumbrar o infinito. Acentuava Einstein que podemos imaginar o infinito com forma, podemos imaginar uma caixa tão grande quanto um prédio, um planeta, um sistema, uma galáxia, tão grande quanto queiramos, desse modo podemos dar forma ao infinito. Essa maneira de pensar se constitui em uma verdadeira ponte para atingir um novo nível de pensamento e novas áreas de conhecimento.

O primeiro dever da inteligência é duvidar de si mesma, questionar seus paradigmas, suas crenças, suas restrições. Nesse contexto, em um sentido mais amplo, desvinculado de preconceitos, de axiomas, o que seria a vida? Cientificamente falando, no Universo observável, perceptível, parece ser um fenômeno raro, algo que ocorre com formas físicas a base de carbono e gera um ciclo de transformações. Mas será isso realmente a vida?

O que chamamos de vida pode ser meramente um capricho da matéria, uma forma de manter a carne fresca, para proporcionar na biosfera uma cadeia alimentar. Essa possibilidade, embora possa parecer aterrorizante por questionar os próprios pilares em que se baseia nossa identidade e nossas convicções, deve ser considerada, sobretudo para quem não admittir a existência de outros níveis de realidade.